



OYÈRÓNKÉ OYĚWÙMÍ: EM DEFESA DO OXUNISMO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Aline Matos da Rocha¹

Resumo: Este texto busca dialogar com a conferência “Desaprendendo lições da colonialidade: escavando saberes subjugados e epistemologias marginalizadas”, proferida pela filósofa iorubá Oyèrónké Oyěwùmí no encerramento do Seminário Internacional “Decolonialidade e Perspectiva Negra” da Universidade de Brasília (UnB). Através desta conferência a autora nos apresenta o conceito de oxunismo e nos leva a questionar: É possível falar de sociedade sem mãe/ìyá? É possível defender a sociedade sem Oxum? Em cosmologia e instituições socioculturais iorubás Oxum é ìyá primordial, sênior honorífica e divindade mais antiga e mais velha não apenas relativamente à idade, mas por ser mãe da humanidade. Portanto, o que distingue Oxum é o fato de ser a primeira ìyá e ser o princípio matripotente do ethos iorubá. Trazer o papel de Oxum na procriação é refletir sobre o seu saber/poder como fundadora da sociedade humana, e espelhar filosofias africanas e seu ensino.

Palavras-Chave: Oyèrónké Oyěwùmí; Oxum; Oxunismo; Descolonização do conhecimento.

OYÈRÓNKÉ OYĚWÙMÍ: IN DEFENSE OF OŞUNISM

Abstract: This text seeks to dialogue with the conference “Desaprendendo lições da colonialidade: escavando saberes subjugados e epistemologias marginalizadas”, pronounced by the yorùbá philosopher Oyèrónké Oyěwùmí at the closing of the International Seminar “Decolonialidade e Perspectiva Negra” at the University of Brasília (UnB). Through this lecture the author introduces us to the concept of osunism and makes us question: Is it possible to talk about society without mother/ìyá? Is it possible to defend society without Oşun? In cosmology and sociocultural institutions yorùbá Oşun is ìyá

¹ Doutora em Metafísica pela Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduada em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora substituta de Filosofia no Instituto Federal de Brasília (IFB). Membro do Núcleo de Estudos de Filosofia Africana da Universidade de Brasília (NEFA/UnB) e do GT de Filosofia e Raça da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia). E-mail: matosdarochaaline@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6957-9901>.



primordial, senior honorific and oldest and oldest deity not only with respect to age, but for being the mother of mankind. Therefore, what distinguishes Ọ̀ṣun is the fact that be the first ìyá and be the matripotent principle of the yorùbá ethos. To bring up Ọ̀ṣun's role in procreation is to reflect on its knowledge/power as the founder of human society and to mirror African philosophies and their teaching.

Keywords: Oyèrónké Oyěwùmí; Ọ̀ṣun; Ọ̀ṣunism; Society; Decolonization of knowledge.

OYÈRÓNKÉ OYĚWÙMÍ: EN DEFENSA DEL OXUNISMO

Resumen: Este texto busca dialogar con la conferencia “Desaprendendo lições da colonialidade: escavando saberes subjugados e epistemologias marginalizadas”, dictada por la filósofa yoruba Oyèrónké Oyěwùmí en la clausura del Seminario Internacional “Decolonialidade e Perspectiva Negra” en la Universidad de Brasilia (UnB). A través de esta conferencia, el autor nos introduce en el concepto de Oxunismo y nos lleva a preguntarnos: ¿Es posible hablar de sociedad sin madre/ìyá? ¿Es posible defender la sociedad sin Oxum? En la cosmología y las instituciones socioculturales yoruba, Oxum es la ìyá primordial, la más honorable y la deidad más antigua y anciana, no sólo en términos de edad, sino porque es la madre de la humanidad. Por lo tanto, lo que distingue a Oxum es el hecho de que es la primera ìyá y es el principio matripotente del ethos yoruba. Traer a colación el papel de Oxum en la procreación es reflexionar sobre su conocimiento/poder como fundadora de la sociedad humana y reflejar las filosofías africanas y sus enseñanzas.

Palabras-clave: Oyèrónké Oyěwùmí; Oxum; Oxunismo; Descolonización del conocimiento.

OYÈRÓNKÉ OYĚWÙMÍ: POUR LA DÉFENSE DE L'OXUNISME

Résumé: Ce texte cherche à dialoguer avec la conférence “Desaprendendo lições da colonialidade: escavando saberes subjugados e epistemologias marginalizadas”, donnée par le philosophe yoruba Oyèrónké Oyěwùmí lors de la clôture du Séminaire international “Decolonialidade e Perspectiva Negra” à l'Université de Brasília (UnB). À travers cette conférence, l'auteur nous présente le concept d'Oxunisme et nous amène à nous interroger: Est-il possible de parler de société sans mère/ìyá? Est-il possible de défendre la société sans Oxum? Dans la cosmologie et les institutions socioculturelles yoruba, Oxum est la ìyá primordiale, la divinité la plus honorable, la plus ancienne et la plus vieille, non seulement en termes d'âge, mais aussi parce qu'elle est la mère de l'humanité. Oxum se distingue donc par le fait qu'elle est la première ìyá et qu'elle est le principe matripotent de l'ethos yoruba. Évoquer le rôle d'Oxum dans la procréation, c'est réfléchir à son savoir/pouvoir en tant que fondatrice de la société humaine et reflètent les philosophies africaines et leur enseignement.

Mots-clés: Oyèrónké Oyěwùmí; Oxum; Oxunisme; Décolonisation des savoirs.



“PRIMEIRAS” PALAVRAS

A filósofa iorubá² Oyèrónké Oyěwùmí nos demanda que

é hora de centrar a África [...]. Esta é um tesouro não só de bronzes beninenses, de minério da República Democrática do Congo e de diamantes de Botsuana. As verdadeiras joias não trabalhadas são conceitos, ideias, valores, formas de ser e sistemas de conhecimento e episteme africanas (OYĒWÙMÍ, 2022).³

Atendendo a essa demanda, esta tessitura deságua de diálogos com a conferência⁴ de Oyèrónké Oyěwùmí intitulada “Desaprendendo lições da colonialidade: escavando saberes subjugados e epistemologias marginalizadas”, proferida na Universidade de Brasília (UnB) em 7 de outubro de 2016 no encerramento do Seminário Internacional “Decolonialidade e Perspectiva Negra”, no qual a autora apresenta e defende seu conceito de oxunismo assentado na divindade Oxum, *iyá* primordial que não é mulher, tampouco reflete gênero. Oxum é o princípio matripotente de fundação da sociedade humana no *ethos* iorubá. Sob e através de Oxum mobilizarei neste tear textual fios d’água capazes de ler, interpretar e defender o oxunismo como fonte de agência na sociedade.

OYÈRÓNKÉ OYĒWÙMÍ ATRAVÉS DAS ÁGUAS⁵

Segundo Deleuze (1988), “a filosofia serve para propor questões”. Nesse sentido, proponho algumas questões a fim de movimentar uma das principais vias de acesso à filosofia: É possível falar de sociedade sem mãe/*iyá*? É possível defender a sociedade sem Oxum?

² Na esteira de Thiago Dantas (2018, p. 17), “por mais que possa parecer desnecessário e racializante a identificação da origem dos filósofos[as] negros[as] citados nesse estudo (já que aos filósofos europeus não se utiliza tal prática, numa lógica de ‘normalidade’), a intenção de destacar o pertencimento geográfico nesse caso deve-se ao objetivo de ressaltar pensadores[as] localizados[as] para além das fronteiras racistas estabelecidas pelo Ocidente. Por esse modo, a primeira vez que um filósofo ou filósofa for citado/a será destacada a origem geográfica”.

³ Todas as passagens de textos cujos títulos não estão em língua portuguesa nas referências foram traduzidas por mim.

⁴ Disponível para acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=zeFI9vTl8ZU>.

⁵ Alusão ao título da coletânea *Oxun Across the Waters* (2001).



É importante ressaltar que “ao longo da diáspora iorubá a língua tem assumido as ortografias locais onde se estabeleceu e dessa forma nossa divindade pode ser apresentada como *Ọ̀sun*, *Ochún*, *Oxum* e *Oshun*” (MURPHY; SANFORD, 2001). Dispondo da grafia abasileirada nossa divindade aqui será escrita *Oxum* em correlação à *Ọ̀sun*; *Ochún*; *Oshun*, que não estão divididas, tampouco separadas.

Vale ressaltar que não podemos evocar *Oxum* sem descolonizar imaginários coloniais que foram construídos – também em experiências diaspóricas iorubás no Brasil – em torno da mãe, divindade do conhecimento e da cocção/procriação. Um dos exemplos que ilustra esse ponto é o fato de *Oxum* ser (d)escrita como mulher. O fato de *Oxum* ter sido – e ser – (d)escrita historicamente e socialmente com marcas de gênero em cosmologia e instituições iorubás responde a modelos generificados colocados pela colonização e representa um valor patriarcal, moderno colonial que impôs a imagem de mulher a uma divindade que não é mulher.

Segundo Oyèrónké Oyèwùmí (1997), o conceito de mulher remete a imagens de quem é subordinada, não tem poder, e não participa da arena política e pública. Nessas imagens o homem é a categoria normativa (implícita ou explícita) sobre a qual mulher é definida. Mas, quais são as implicações sociopolíticas e socioespirituais em conceber *Oxum* como mulher? E o que a emergência de *Oxum* como mulher nos diz sobre a mudança epistemológica em cosmologia e instituições iorubás?

Para a autora, essa emergência nos diz sobre a mudança de pensamento e afastamento do *ethos* matripotente baseado na senioridade autóctone para um *ethos* masculino baseado no gênero. E o que é gênero? Dificilmente nos questionamos sobre o significado de gênero. É como se fosse um sentido (óbvio) que paira sobre as palavras e as coisas, e dessa forma é assumido sem reflexão sobre seu significado.

Entretanto, um dos resultados da irreflexão do significado de gênero é que as pessoas que pesquisam acabam assumindo e absorvendo predileções ocidentais envoltas em linguagem teórica e conceitual em todas as comunidades e situações de estudo sem questionamento do contexto social e de outros sistemas de hierarquia (OYÈWÙMÍ, 2023; 2004). Contudo, a fim de trazer uma definição (não fixa) cimentada no pensamento de Oyèrónké Oyèwùmí (1997; 2016b), saliento que gênero significa dicotomia de matriz binária e hierárquica entre homem e mulher, e se refere a um sistema de opressão marcado por um corpo sexuado que confere privilégio ao homem e desvantagem a mulher.



Mediante o eixo do privilégio masculino e subordinação feminina, ser mãe – no/e para o Ocidente – é uma coisa ruim, pois está vinculado aos processos reprodutivos como o parto, a gestação, o nascimento, e os cuidados com as crianças. No Ocidente, ser mãe “é uma experiência solitária, um papel social que é percebido como sendo ocupado por uma pessoa” (OYĚWÙMÍ, 2003, p. 5). Entretanto, na sociedade iorubá – e em muitas sociedades africanas – ser mãe não é uma experiência solitária, individual, mas comunitária. Os processos reprodutivos como o parto, a gestação e o nascimento não têm equivalentes masculinos.

“Mãe não é apenas aquela que dá à luz; seu papel também é fornecer alimentos, cuidados e educação. Há mães nutritivas, mães espirituais, mães protetoras, e desta forma elas são poderosas e têm tanto homens quanto mulheres sob seu controle” (BONI, 2017, p. 55). Oyěwùmí a partir de cosmologia e instituições iorubás nos alerta que maternidade não é gênero, mas transcendência e escreve o livro *What Gender is Motherhood?* (2016b), que é sobre maternidade oxunista, argumentando que a generificação da maternidade leva à sua patriarcalização (OYĚWÙMÍ, 2016b). Isto é, ao processo de domínio social e de poder centralizado no homem, no masculino, no pai, o qual não é a contraparte da maternidade em muitos conceitos filosóficos e instituições iorubás. Ao contrário do Ocidente, em que “não podemos compreender a maternidade sem abordar a paternidade, a mãe sem o pai, no sentido biológico e social do termo” (SCAVONE, 2001, p. 142). Assim, no Ocidente, mãe significa e se refere, antes de tudo, à mulher, à esposa e parece não haver compreensão de mãe independente dos seus laços sexuais com um pai (um homem).

Esta é a única explicação para a popularidade do oximoro: mãe solteira” (OYĚWÙMÍ, 2004, p. 4). Em substituição a este oximoro cunharam o termo “mãe solo” para se referir a quem exerce a maternidade sem o auxílio do pai. No entanto, desde os diálogos com o pensamento oyěwùmíniano aquele também não é um conceito adequado porque exprime uma lógica individualista. Só para nós faz sentido esta ideia de “mãe solo”. Mas como salienta a escritora burquinense Sobonfu Somé (2007; 2014), não se cria uma criança só[lo].

O que está na superfície dessas palavras e coisas é uma bio-lógica. Conceito criado por Oyèrónké Oyěwùmí (1997) para nomear lógicas sociais ocidentais baseadas na instrumentalização da biologia e totalmente implicada em instâncias socioculturais que



difundem essa bio-lógica numa percepção determinista e determinada da sociedade, que visualiza os corpos como sexos à mostra.

Contudo, *iyá* Oxum não é mãe no sentido bio-lógico e hegemônico ocidental de mulher e esposa do pai. Até porque *iyá* não é originalmente uma categoria de gênero, pois não supõe ou funde o pai como lei e mediador da relação com sua prole. “*Iyá* é uma categoria socioespiritual, frequentemente também é utilizada como parte do título oficial de sacerdócio, ministérios reais, e figura tanto nos nomes de ‘feiticeiras’ quanto de divindades descritas como ‘quem você não pode ver’” (SEMLEY, 2011, p. 2). Nesse sentido, *iyá* não é uma categoria de gênero. Ou seja, uma matriz anátomo binária e hierárquica que faz parte da ontologia do mundo ocidental, mas que não faz(ia) parte da ontologia do mundo iorubá. Este composto não só por vivos, mas por mortos e não nascidos. Pois o que “vive não é somente o que podemos ver. É tudo o que conservamos. Tudo o que amamos. Tudo o que lembramos. O que se foi, mas que podemos convocar à vontade para se regenerar” (MIANO, 2009, p. 186).

*Iyá*⁶ é uma instituição espiritual e física responsável por nutrir e zelar pela *omo* (criança, prole) e está no centro do sistema baseado na senioridade, que simboliza o que Oyèwùmí descreve como princípio matripotente. A matripotência descreve os poderes, espiritual e material derivados do papel procriador de *iyá*, cuja eficácia é mais pronunciada em relação a sua prole nascida (OYÈWÙMÍ, 2016c, p. 58). *Iyá* não tem uma função apenas corpórea, mas acima de tudo espiritual, pois é responsável por dar à luz⁷ neste mundo e no outro a uma alma pré-terrena. Isto é, a um ser que escolhe *iyá* antes mesmo de nascer.

Iyá ocupa um lugar socioespiritual honorável e privilegiado nessa escolha por ser quem escolhemos para ser o que somos, e por ser quem cocriará (doará) vitalidade física, espiritual, e propiciará a nossa sobrevivência, proteção e bem-estar. Instâncias fundamentais para nosso fortalecimento pessoal, coletivo e comunitário, pois somos fruto de quem veio antes (MACHADO, 2020, p. 31).

De acordo com a filósofa igbo Nkiru Nzegwu (2006, p. 52), “o poder espiritual da procriação, da geração e da proteção estão totalmente sob jurisdição de mãe”, cujo maior expoente é Oxum, *iyá*-mãe honorífica, divindade do conhecimento, da [co/pro]criação da

⁶ Peço desculpas pela repetição que poderia ser substituída pelo pronome ela. Contudo, *iyá* não é uma categoria generificada.

⁷ Em um sentido não redutível à biologia.



vida, da sociedade, e da comunidade. “A saudação à Oxum é *Oré Yeyé o*, chamemos a benevolência da mãe” (GONÇALVES, 2011, p. 358). Oxum é *iyá*-mãe entre suas crianças, as quais independente da idade – para uma *iyá*-mãe – serão sempre crianças (OYĚWÙMÍ, 1997). Entretanto o ventre de Oxum não é um ventre de parir⁸ apenas crianças, mas um ventre de gestar e parir poder/saber.

“Oxum é uma divindade brilhante, cujo imaginário e devoção exigem ampla e profunda reflexão acadêmica” (MURPHY; SANFORD, 2001, p. 1). Precisamos descolonizar nosso imaginário de que divindades estão circunscritas a um âmbito estritamente religioso. Ao contrário, nas filosofias africanas

divindades não são simplesmente energias divinas, mas também são representações de filosofia. Cada divindade é a leitura de um conceito. Por exemplo, Xangô, a encarnação espiritual do trovão é também uma leitura histórica de uma filosofia africana de justiça social (SALAMI, 2020, p. 37).

No pensamento de Oyèrónké Oyěwù mí Oxum é a encarnação do conhecimento e uma leitura histórico-filosófica de cosmologia e instituições iorubás, e a divindade que desmantela a narrativa produzida pelo racismo epistêmico de que divindades não produzem filosofia. No entanto, Oxum está relacionada à progênie da humanidade, ao modelo de matripotência, e é a representação que encarna conhecimento autóctone. Este compreendido, na esteira do filósofo ganense Kwesi Kwaa Prah (2017), como o “conhecimento que é construído no pensamento e na prática cultural africana, cujas origens são anteriores à presença ocidental e que, em formas constantemente modificadas, é transferido geracionalmente” no intuito de tecer a memória e *orientar* práticas relacionais assentadas em saberes transmitidos de quem vem antes. E quem vem antes? *Ìyá*-mãe⁹.

Quem vem primeiro sempre é *iyá*-mãe. Este é o ser que sempre existiu e sempre existirá espiritualmente e fisicamente. E Oxum é *Ìyá àgbà*¹⁰ primordial. Ninguém é mais velho que *iyá* Oxum. A divindade é a primeira *iyá* no décimo sétimo *odù*, *Oseetura*, que não é uma ordem de classificação, mas a expressão de que a procriação excede em todos *Irúnmolè* [divindades primordiais]: um com o status social mais elevado como sênior e

⁸ Não possui sentido bio-lógico.

⁹ Há uma problematização presente em Oyèrónké Oyěwù mí sobre o uso do termo *iyá*-mãe que não será esmiuçada aqui. Por hora, saliento que utilizo ambos como instâncias que não se excluem mutuamente, mas que estão relacionados ontologicamente.

¹⁰ *Ìyá* mais velha.



como *iyá*” (2016b, p. 53). O *odù*, *Oseetura* espelha o princípio matripotente do *ethos* iorubá e reflete o poder da procriação e da fundação da sociedade humana. A relação de Oxum com a procriação e fundação humana é pré-terrena e pra sempre. Não há nessa relação a “contraparte paterna”. Por isso *iyá* não é gênero porque não tem binário constituído entre homem/mulher; pai/mãe. *Ìyá* é uma instituição e posição matripotente, espiritual, não física e física de onde emana e flui toda a vida, a sociedade e a comunidade.

OXUNISMO

A anciã pergunta o que alguém pode vir a ser sem a ajuda dos ancestrais, sem reconhecer no solo as marcas de sua passagem. Como avançar, se outros não traçaram um caminho? (MIANO, 2017, p. 231).

Embora Oxum seja uma divindade conceitual¹¹ presente em *What Gender is Motherhood?* (2016b) não encontramos neste livro de Oyèrónké Oyěwùmí referência à oxunismo¹². Podemos encontrar referência à oxunismo¹³ e oxunalidade¹⁴ nos trabalhos da filósofa Nkiru Nzegwu (2011b; 2011a) que mobiliza Oxum como uma força erótica transformadora que percorre e anima a vida ao delinear um fluxo sequencial de energia criativa a partir do desejo, excitação e prazer. Em Nkiru Nzegwu (2011b, p. 2) oxunismo quer “dizer uma força sexual e um modo de erotismo que está de acordo com o *ethos* pró natalista dos valores sociais de África”. Esta leitura de Oxum feita pela filósofa Nkiru Nzegwu é completamente distinta da que Oyèrónké Oyěwùmí vem movimentando no livro *What Gender is Motherhood?* (2016b) e na ideia de oxunismo apresentada em sua conferência na UnB (2016a).

Oxunismo é a forma como Oyèrónké Oyěwùmí nomeia seu ativismo e defende tradições e recursos intelectuais autóctones *oríundos* de Oxum. Em outras palavras, é Oxum que possibilita a nossa autora realizar seu trabalho e criar condições filosóficas, políticas e sócio epistemológicas que estejam mais ligadas à sua história, à sua memória, à sua cultura, e confronte lógicas ocidentais (racistas) de produção de conhecimento sobre África. De acordo com a autora a nomeação é

¹¹ Categoria de pensamento forjada por mim para chamar atenção para a conceitualidade e conceituação de Oxum.

¹² *Ọ̀ṣunism*.

¹³ *Osunism*.

¹⁴ *Osunality*.



um primeiro passo na constituição de conhecimento sobre qualquer grupo social específico. Aqui, damos este passo como indivíduos e como um grupo; e a nossa esperança é que nós, como africanas(os), possamos definir a nós mesmas(os), nossos interesses e nossas preocupações em nossos próprios termos, e poder deixar para trás de uma vez por todas uma cultura de deturpação e marginalização que absorve tanto da nossa energia criativa. Continuaremos a definir a nós mesmas(os) e às nossas preocupações em nossos próprios termos (OYĚWÙMÍ, 2003, p. 22).

Uma das principais preocupações de Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí é escavar saberes subjugados por saberes “consagrados” e questionar estes saberes a partir de seu próprio pertencimento. Para a autora compreender África implica começar com África (OYĚWÙMÍ, 1997), cujas histórias de origem humana – em muitas culturas – começa com *ìyá*, começa com Oxum, começa com a mãe da humanidade. É por isso que a autora afirma que é “uma africana estudando sociedades africanas” (OYĚWÙMÍ, 2022, p. 2). Mas, embora Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí se refira a sociedades africanas, seu foco principal é a história e cultura Oyó-Iorubá, que é um subgrupo dominante da nacionalidade iorubá.

A autora escava saberes subjugados e questiona saberes “consagrados” a partir de pertencimentos iorubás justamente por ela própria ser iorubana, nascida em uma família que lhe permitiu uma

introdução aos modos de vida iorubás, cujo pai, em 1973, ascendeu ao trono e tornou-se o *Şòún* (monarca) de *Ògbómòsò*, uma importante unidade política Oyó-Iorubá, de certo significado histórico, e desde então, e até o presente, *ààfin Şòún* (o palácio) tem sido o lugar que Oyěwùmí chama de lar, no qual diariamente, escuta percussionistas de tambor e ouve os *orikis* (poesias laudatórias) dos seus antepassados recitados enquanto as mães reais oferecem os poemas a membros da família como saudações, enquanto passam pelo *saarè* – o pátio no qual monarcas que já faleceram tiveram seu sepultamento (OYĚWÙMÍ, 1997, p. xvi).

Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí ao evocar Oxum não está lhe compreendendo em um aspecto apenas religioso, mas ancestral. Este que também é chamado de espírito. De acordo com Sobonfu Somé (2007, p. 26), “o espírito de um ancestral tem a capacidade de ver não só o mundo invisível do espírito, mas também *este* mundo. Assim, serve como nossos olhos dos dois lados. É esse poder do ancestral que nos ajuda a direcionar nossa vida e evitar os abismos”. É esse poder/saber que é mobilizado através da *ìyá*-mãe da humanidade e presença em todos os eventos relacionados à vida, à sociedade, e à comunidade. Não há



vida, sociedade, e comunidade – de nenhum tipo – sem *ìyá*. Oyèrónké Oyěwùmí (2016a, com adaptações) salienta que

quando lê as teorias europeias, as teorias de contratos sociais, o que sempre lhe choca é que muitos por si só estão criando comunidade política. Lembra de Rousseau? Mas não é uma comunidade política, não há comunidade de nenhum tipo sem *ìyá*, sem a instituição da maternidade. [Essa supressão] é um resultado do domínio masculino e do ocidentocentrismo em que *ìyá* e todas fêmeas são totalmente apagadas dos discursos de fundação da comunidade política.

À contrapelo dessa supressão da instituição da maternidade na formação matricêntrica da comunidade política e da sociedade, Oyèrónké Oyěwùmí forja¹⁵ oxunismo como uma ferramenta fundamental para escavar saberes subjugados. Michel Foucault em sua obra “Em defesa da sociedade” entende por saberes sujeitados e subjugados

toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. E foi pelo reaparecimento desses saberes desqualificados mesmo, [...] que foi feita a crítica (FOUCAULT, 2010, p. 8-9).

No caso de Oyèrónké Oyěwùmí com o (re)aparecimento de oxunismo, a crítica é feita a demonização e generificação de divindades e ancestrais, ao apagamento da memória, à marginalização de línguas autóctones, à exclusão de saberes, à outrificação de culturas, de mentes e corpos, e à destruição de cosmologia e instituições iorubás, cujo princípio da senioridade – quem veio primeiro – é a base da hierarquia social. No entanto, não compreenda primeiro em uma sequência numérica. No *candomblé*, por exemplo, Oxalá é colocado como mais velho¹⁶ e no *xirê* não se toca “primeiro” para esta divindade, mas no “fim” (ROCHA, 2023).

Podemos compreender o princípio da senioridade através do nascimento de gêmeos: Kehinde e Taiwo¹⁷. A crença é que Taiwo, *àbúrò*, (mais jovem)¹⁸ saiu primeiro

¹⁵ À maneira de Ogum. Divindade responsável pelas propriedades sagradas do ferro e por forjar suas próprias ferramentas (BARNES, 1997).

¹⁶ No entanto, todas as divindades são mais velhas.

¹⁷ Nomes que serão atribuídos à gêmeos independente da anatomia sexual que possuam.

¹⁸ É importante salientar que o que está entre parêntesis – assim como no caso seguinte relativo a *ègbón* – não se trata de uma tradução, pois esses termos se referem à ordem de nascimento entre a prole de uma mesma *ìyá*, e, neste caso específico, à ordem de nascimento de gêmeos.



do canal de parto porque *kehinde*, *ègbón*, (sênior), tinha-lhe enviado para ir primeiro ao mundo e verificar se é um lugar hospitaleiro (OYĚWÙMÍ, 2016b). Se Taiwo enunciar que o mundo não é um lugar hospitaleiro, *kehinde* não sai do canal de nascimento e dificilmente Taiwo sobrevive sem a sua presença. Pois o segundo só tem chance no mundo se permitir a emergência do primeiro (MIANO, 2009, p. 75). Falar de senioridade é sublinhar princípios primordiais e não estritamente numéricos.

A posição de Oxum no *odù*, *Osetura* lembra o status de segundo gêmeo (*kehinde*, *ègbón*) a emergir do canal de nascimento e ser considerado sênior (OYĚWÙMÍ, 2016b). Aqui não posso deixar de estabelecer uma relação entre Oyèrónké Oyěwùmí e Kehinde de “Um defeito de cor”:

Eu nasci em Savalu, reino de Daomé, no ano de um mil oitocentos e dez. Portanto, tinha seis anos, quase sete, quando esta história começou. O que acontece antes disso não tem importância, pois a vida corria paralela ao destino. O meu nome é Kehinde porque sou uma *ibêji* e nasci por último. Minha irmã nasceu primeiro e por isso se chamava Taiwo (GONÇALVES, 2011, p. 19).

Kehinde¹⁹ é filha de Oxum (divindade que acompanha e protege *ibêji*), e é muito interessante saber que tanto o status de Oxum como sênior lembra o status de *kehinde*, o último gêmeo, quanto o reconhecimento de Oxum como algo diferente ao status de *kehinde* e da posição de *ìyá* primordial equivale a um insulto. Já que tal ato não confere em relação à Oxum a civilidade devida que se deve ter com uma anciã, especialmente aquela que lhe deu à luz (OYĚWÙMÍ, 2016b), que [pro]cria, mantém e materna a sociedade, a comunidade, e o mundo.

De acordo com Sobonfu Somé (2014), “a palavra mãe está, na verdade, conectada ao sagrado, é algo que não se pode separar do sagrado” e que por causa disso pode nos levar à Oxum. *Ìyá* primordial de toda mãe, de toda maternidade, e especialmente de toda matripotência desaguada no pensamento de Oyèrónké Oyěwùmí em *What Gender is Motherhood?* (2016b). Oxum é a divindade honorífica e sênior da qual todos os seres se *originam*, principalmente mãe. Esta compreendida em termos não biológicos, mas como provedora, potencializadora, e mantenedora comunitária e espiritual. Nos trabalhos de Oyèrónké Oyěwùmí a maternidade reflete fundamentos metafísicos relacionais fluidos e não dicotômicos (COETZEE, 2017, p. 115), e destaca a *orientação* para o coletivo.

¹⁹ Cf. *Um defeito de cor* (GONÇALVES, 2011).



Quando a autora fala de matripotência oxunista está nos chamando atenção para o fato de maternidade não ser gênero. E por que maternidade não é gênero? Porque não há contraparte paterna. Mãe na cultura iorubá não é definida através da relação sexual com um homem, mas em relação com a espiritualidade, a prole, e a comunidade. Embora exista um útero anafêmea²⁰, a gestação é comunitária.

Logicamente que existe a mãe que nos faz sair do canal de parto, mas não é só isso que significa (ser) mãe. Oyèrónké Oyěwùmí ao mencionar mãe não está falando necessariamente de quem pariu em termos biológicos ou de uma pessoa específica, mas de uma matripotência socioespiritual (com)partilhada. Ou seja, ao fato de que “existe uma mãe inata em todas(os) nós com a capacidade de presentear o mundo com algo [potência criativa] que cria a ponte para que ele exista aqui” (SOMÉ, 2014). Oxunismo é um conceito filosófico cuja supremacia da matripotência nos possibilita *agenciàr* coletivamente relações societárias não depredatórias.

Portanto, oxunismo implica em defesa da maternidade, da sociedade, da comunidade, das pessoas, das crianças, etc. É um ativismo que prioriza *ìyá* e sua prole, e isso é inclusivo porque todo mundo nasce de *ìyá* (OYĚWÙMÍ, 2016a) e é essa compreensão que precisamos escavar e dessujeitar em nossos esforços de descolonização do conhecimento e de restauração humana:

a humanidade não pode se reproduzir sem maternidade. Portanto, a instituição e as práticas cotidianas da humanidade maternal devem ser um ato coletivo, impulsionado pela vontade comunitária. O desafio, então, é como convencer a sociedade de que a maternidade não deve ser responsabilidade de apenas uma mulher ou de apenas uma família nuclear, mas deve ser a base sobre a qual a sociedade é construída e a maneira pela qual organizamos nossas vidas. Nossa insistência em usar o homem branco como modelo de liberdade e privilégio masculino branco como o ideal que deve informar a transformação social ignora o fato de que o privilégio branco, especificamente o privilégio masculino branco, é uma patologia. Nós não precisamos construir nada sobre essa base. Em vez disso, precisamos derrubá-la. [...] Em um mundo de possibilidades para todos(as) que nascem de *ìyá*, a ideologia materna, que é orientada para a comunidade, que inclui tudo, dar a vida, sustentar a vida e preservar a vida, pode fornecer a ambiência e a base para a ação política e a transformação social necessária (OYĚWÙMÍ, 2016b, p. 220).

²⁰ Conceito que Oyèrónké Oyěwùmí cria para se referir à *anatomia* sexual do corpo sem evocar diferença sexual.



Dessa forma, compreendo que toda transformação societária não depende exclusivamente do oxunismo, mas julgo, na esteira de Oyèrónké Oyèwùmí, que com este é possível espelhar justiça cognitiva, práticas e saberes para o bem comum e a boa vida, e lutar contra a colonialidade do dia a dia: *Oré Yeyé o!*

(IN)CONCLUSÃO

Encerro nossos trabalhos neste tear de fios d'água saudando *iyá*-mãe Oxum. Divindade conceitual que acompanha Oyèrónké Oyèwùmí na defesa do oxunismo como (re)nomeação de ativismos que priorizam maternidade como assentamento fundamental em qualquer esforço de transformação da sociedade, de defesa da humanidade, e das crianças, “cujos nascimentos são provas palpáveis que uma parcela da existência anônima é destacada e encarnada com vista a cumprir uma missão sobre nossa terra” (HAMPÂTÉ BÂ, 2023, p. 2). E por que não cumprir nossos esforços de transformação sociocomunitária com oxunismo, que é uma relação com *iyá*, com Oxum?

Evocar a importância de Oxum como instituição sociocomunitária que encarna o conhecimento é fundamental para descolonizar o conhecimento, endogeneizá-lo e autoctonizá-lo (re)centrando a África e suas epistemologias. Quando falamos de termos como endogeneização e autoctonização, todos implicam ‘trazer para casa’, reabilitar e tornar o conhecimento parte de nossos próprios pertences. Estes com os quais nos sentimos confortáveis e compreensíveis, e que têm coordenadas filosóficas e culturais diretas (PRAH, 2017). Trazer e defender o oxunismo contribui na reabilitação, na desdemonização de divindades e ancestrais, na recuperação das memórias, das tradições vivas, das epistemes, das culturas, das línguas autóctones, e na reconstrução de mundos despedaçados pelos processos de colonização/modernização.

Em suma, esta tessitura começou propondo questões e segue através delas. A proposta e intuito deste artigo é antes de tudo ser ponto de partida e abre caminhos, do que a conclusão de um diálogo que apenas começou no terreiro dos questionamentos de saberes a partir dos pertencimentos e das reivindicações de saberes subjugados por saberes “consagrados” no ensino de filosofia.



REFERÊNCIAS

- BARNES, Sandra T. *Africa's Ogun: old world and new*. Indiana University Press, 1997.
- BONI, Tanella. Feminism, Philosophy, and Culture in Africa. In: *The Routledge Companion to Feminist Philosophy*. New York: Routledge, p. 49-59, 2017.
- COETZEE, Azille. *African feminism as decolonising force: a philosophical exploration of the work of Oyèrónké Oyěwùmí*. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculty of Arts and Social Sciences. Cidade do Cabo: Stellenbosch University, 2017.
- DANTAS, Luís Thiago Freire. *Filosofia desde África: perspectivas descoloniais*. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2018.
- DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. 1988. Transcrição da entrevista de Gilles Deleuze para a televisão francesa. Disponível em: <http://intermidias.blogspot.com/2008/01/o-abecedario-de-gilles-deleuze.html>. Acesso em: 18 de ago. de 2023.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A noção de pessoa na África negra. Tradução para uso didático de: HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. *La notion de personne en Afrique Noire*. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). *La notion de personne en Afrique Noire*. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amadou_hampat%C3%A9_b%C3%A2_-_a_no%C3%A7%C3%A3o_de_pessoa_na_%C3%A1frica_negra.pdf. Acesso em: 11 de ago. de 2023.
- MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana desde saberes ancestrais femininos: bordando perspectivas de descolonização do ser-tão que há em nós. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 31, jan.-fev. p. 27-47, 2020.
- MIANO, Léonora. *A estação das sombras*. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- MIANO, Léonora. *Contornos do dia que vem vindo*. Tradução de Graziela Marcolin de Freitas. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.



MURPHY, Joseph M; SANFORD, Mei-Mei (eds). *Ọ̀ṣun Across the Waters: A Yorùbá Goddess in Africa and the Americans*. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

NZEGWU, Nkiru. *Family Matters: Feminist Concepts in African Philosophy of Culture*. State University of New York, 2006.

NZEGWU, Nkiru. Osunality. In: TAMALE, Sylvia (editora). *African Sexualities. A Reader*. Oxford, Nairobi, Dakar, Cidade do Cabo: Pambazuka/Fahamu, p. 253-270, 2011a.

NZEGWU, Nkiru. Transfixing Beauty: The Allure of Maiden Bodies. *West Africa Review*, n. 18, p. 1-28, 2011b.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. (editora). *African Women and Feminism: Reflecting on the Politics of Sisterhood*. Trenton (New Jersey): Africa World Press, 2003.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the Challenge of African Epistemologies. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1*, Dakar, CODESRIA, p. 1-8, 2004.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Desaprendendo lições da colonialidade: escavando saberes subjugados e epistemologias marginalizadas. In: *Seminário Internacional Decolonialidade e Perspectiva Negra*. Brasília, 2016a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zeFI9vTI8ZU>. Acesso em: 3 de ago. de 2023.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Jornada pela academia*. Tradução para uso didático de Oyeronke Oyewumi: Journey Through Academe, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/221361499/Oyewumi-The-Journey-Through-Academe>, por Aline Matos da Rocha. Revisão de wanderson flor do nascimento. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html>. Acesso em: 04 de ago. de 2023.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. '(Re)Centring African Epistemologies: An Intellectual Journey': The Acceptance Speech for the 2021 Distinguished Africanist Award. *Codesria Bulletin Online*, n. 3, fevereiro. 2022.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *What Gender Is Motherhood? Changing Yorùbá Ideals of Power, Procreation, and Identity in the Age of Modernity*. New York: Palgrave Macmillan, 2016b.

PRAH, Kwesi Kwaa. Intellectual sovereignty: Shifting the centre of gravity. In: *University World News: Africa Edition*. 24 de mar. 2017. Disponível em: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20170321092208711>. Acesso em: 11 de ago. de 2023.



ROCHA, Aline Matos da. *Corpo-orí-idade: uma investigação filosófica sobre ontologia relacional no pensamento de Oyèrónké Oyěwùmi*. 2023. 173p. Tese (Doutorado em Metafísica) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

SALAMI, Minna. *Sensuous Knowledge: A Black Feminist Approach for Everyone*. London: ZED, 2020.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *cadernos pagu* (16), p. 137-150, 2001.

SOMÉ, Sobonfu. *A (M)otherworld is Possible*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jJ8yU_K6nL8. 26 de set. de 2014. Acesso em 18 de ago. de 2023.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos*. Tradução de Deborah Weinberg. São Paulo: Odysseus, 2007.